

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 4, 1984

Páginas 202 - 203

Natureza Morta com Desodorizante, de Manuel Resende.

Porto, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983.

Ruínas do Progresso

Sandra Márcia Pereira

Unicamp

O jornalista e poeta português Manuel de Resende, em Natureza Morta com Desodorizante, apresenta-nos alguns fragmentos em prosa e poesias - algumas datadas de 1973. A preocupação principal que perpassa todo o livro é o mundo atual e urbano, a natureza modificada pelo progresso, a pilha de destroços aos pés do anjo da história.

Neste mundo poluído o homem perde a interação com a natureza e com ela os sistemas místicos - "...Os deuses estão por baixo, este ano: o dólar mais fraco de toda a eternidade" (p.26). A relação com o mundo agora é caótica, o homem devora tudo o que está a sua volta:(...) "a civilização, a política, as religiões e os Estados, as fronteiras, o café da Brasileira, etc?/ Queremos lá saber! Mastigamos tudo. Engolimos tudo" (p.63). Só o ritual antropofágico talvez leve a alguma compreensão.

Se a natureza modificada afeta o homem, pro
dutor da arte, a arte, como não poderia deixar de ser, tam
bẽm se modificã. A natureza, ao mesmo tempo em que é mor
ta pelo desodorizante (progresso), passa a ser representa
da pelo artista ao lado deste elemento estranho a ela - o
desodorante.

O poeta, enquanto ser deste planeta - ele
estã "Em Paris em Londres em Petersburgo no mundo"(p.31)-,
afetado pela velocidade, pelos meios de comunicação, ou se
ja, distanciado do tempo cíclico da natureza, passa a pen
sar o mundo, a sentir com a cabeça. A poesia, assim, trans
forma-se em uma experiẽncia de entendimento: "Õ, meus ami
gos, estou aqui, sozinho, a tentar dizer/ Uns rancorosos
acontecimentos pensados" (p. 76).

A sensibilidade é recuperada no contato
com um corpo de mulher, pois este, por sua vez, resgata a
natureza. É a "floresta densa", onde o eu poético erige
seu corpo. À realidade caótica, modificada pela tecnolo
gia, deve-se ainda a perda da aura do artista e da obra
de arte. Os "sonetos que caãam das nuvens", o "poeta de
luxo", "alvo impoluto na sua obra completa", sãõ agora
"ânfora" rejeita até pelo mar.